

# JOSÉ SARAMAGO

TERRA DO PECADO



CAMINHO

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**José Saramago**

**TERRA DO PECADO**

## AVISO

O autor é um rapaz de vinte e quatro anos, calado, metido consigo, que ganha a vida como praticante de escrita nos serviços administrativos dos Hospitais Cíveis de Lisboa, depois de ter estado a trabalhar durante mais de um ano como aprendiz de serralheria mecânica nas oficinas dos ditos hospitais. Tem poucos livros em casa porque o ordenado é pequeno, mas leu na Biblioteca Municipal das Galveias, tempos atrás, tudo quanto a sua compreensão logrou alcançar. Ainda estava solteiro quando um caridoso colega da repartição, segundo-oficial, de apelido Figueiredo, lhe emprestou trezentos escudos para comprar os livrinhos da colecção “Cadernos” da Editorial Inquérito. A sua primeira estante foi uma prateleira interior do guarda-louça familiar. Neste ano de 1974 em que estamos a nascer-lhe-á uma filha, a quem medievalmente dará o nome de Violante, e publicará o romance que tem andado a escrever, esse a que chamou A Viúva mas que vai aparecer à luz do dia com um título a que nunca se há-de acostumar. Como no tempo em que viveu na aldeia já havia plantado umas quantas árvores, pouco mais lhe resta para fazer na vida. Supõe-se que escreveu este livro porque numa antiga conversa entre amigos, daquelas que têm os adolescentes, falando uns com os outros do que gostariam de ser quando fossem grandes, disse que queria ser escritor. Em mais novo o seu sonho era ser maquinista de caminho-de-ferro, e se não fosse por causa da miopia e da diminuta fortaleza física, imaginando que não perderia a coragem entretanto, teria ido para um avião militar. Acabou em manga-de-alpaca do último grau da escala hierárquica e tão cumpridor e pontual que à hora de começar o serviço já está sentado à pequena mesa em que trabalha, ao lado da prensa das cópias. Não sabe dizer como lhe veio depois a ideia de escrever a história de uma viúva ribatejana, ele que de Ribatejo saberia alguma coisa, mas de viúvas nada, e menos ainda, se existe o menos que nada, de viúvas novas e proprietárias de bens ao luar. Também não sabe explicar por que foi que escolheu a Parceria António Maria Pereira quando, com notável atrevimento, sem padrinhos, sem empenhos, sem recomendações, se decidiu a procurar um editor para o seu livro. E ficará para sempre como um dos mistérios impenetráveis da sua vida haver-lhe escrito Manuel Rodrigues, da Editorial Minerva, dizendo ter recebido A Viúva na sua casa por intermédio da Livraria Pax, de Braga, e que passasse ele pela Rua Luz Soriano, que era onde estava a editora. Em momento nenhum ousou o autor perguntar a Manuel Rodrigues por que aparecia a tal Pax metida no caso, quando a verdade é que só tinha enviado o livro à António Maria Pereira. Achou que não era prudente pedir explicações à sorte e dispôs-se a ouvir as condições que o editor da Minerva tivesse para lhe propor. Em primeiro lugar, não haveria pagamento de direitos. Em segundo lugar, o título do livro, sem atractivo comercial, deveria ser substituído. Tão pouco habituado estava o nosso autor a andar com tostões de

sobra no bolso e tão agradecido a Manuel Rodrigues pela aventura arriscada em que se ia meter, que não discutiu os aspectos materiais de um contrato que nunca veio a passar de simples acordo verbal. Quanto ao rejeitado título, ainda conseguiu murmurar que iria tentar outro, mas o editor adiantou-se, que já o tinha, que não pensasse mais. O romance chamar-se-ia Terra do Pecado. Aturdido pela vitória de ir ser publicado e pela derrota de ver trocado o nome a esse outro filho, o autor baixou a cabeça e foi dali anunciar à família e aos amigos que as portas da literatura portuguesa se tinham aberto para ele. Não podia adivinhar que o livro terminaria a pouco lustrosa vida nas padiolas. Realmente, a julgar pela amostra, o futuro não terá muito para oferecer ao autor de A Viúva.

J. S.

Um enjoativo cheiro a remédios adensava a atmosfera do quarto. Respirava-se com dificuldade. O ar, demasiadamente aquecido, mal penetrava nos pulmões do doente, de cujo corpo se divisavam os contornos por baixo das cobertas desalinhadas, donde se exalava um odor a febre que entontecia. Da sala do lado, amortecido pela espessura da porta fechada, vinha um surdo rumor de vozes. O doente oscilava devagar a cabeça sobre a almofada manchada de suor, num gesto de fadiga e de sofrimento. As vozes afastaram-se pouco a pouco. Em baixo, uma porta bateu e estropearam as patas dum cavalo. O ruído da areia esmagada ao trotar do animal cresceu de súbito sob a janela do quarto e cessou logo como se os cascos pisassem lama. Um cão ladrou.

Por detrás da porta ouviram-se passos cautelosos e medidos. O trinco da fechadura rangeu de leve, a porta abriu-se e deu passagem a uma mulher que se aproximou da cama. O doente, despertado da sua modorra inquieta, perguntou, num sobressalto:

- Quem está aí? - e depois, reparando: Ah, és tu! Onde está a senhora?

- A senhora foi acompanhar o senhor doutor à porta. Não deve tardar...

Respondeu-lhe um suspiro. O doente olhou com tristeza as longas mãos, magras e amarelas como as mãos duma velha.

- Sempre é verdade que estou muito mal, Benedita? E que, segundo todas as aparências, não devo salvar-me desta?

- Credo, senhor Ribeiro! Por que fala em morrer? Não é isso que diz o senhor doutor...

- Meu irmão?...

- Sim, senhor! E também o senhor doutor Viegas, que saiu agora. Não deve ter passado ainda o portão da quinta. Deus Nosso Senhor o guarde de maus encontros quando passar ao pé do cemitério, que ainda vai para as bandas dos Mouchões!...

O doente sorriu. Um sorriso vago, que lhe alegrou fugidamente o rosto emagrecido e que lhe engelhou os lábios finos e secos. Passou a mão pela barba densa, raiada de branco no queixo, e respondeu:

- Benedita, Benedita, olha que não é razoável falar de cemitérios a um doente grave, que vê com frequência demasiada, através da janela do quarto, os muros de um dos tais!...

Benedita desviou o rosto e enxugou duas lágrimas que lhe assomavam às pálpebras cansadas.

- Choras?

- Não posso ouvir falar nessas coisas, senhor Ribeiro. O senhor não pode morrer!

- Não posso morrer? Tonta!... Bem vêes que posso... Todos nós podemos!

Benedita tirou o lenço da algibeira do avental e limpou, devagar, os olhos húmidos. Depois dirigiu-se para a cómoda, onde uma imagem da Virgem parecia mover-se na oscilação da luz das velas que a rodeavam, juntou as mãos e murmurou:

- Ave, Maria, cheia de graça...

O silêncio caiu no quarto. Apenas o sussurro dos lábios de Benedita o interrompia no murmurar da oração. Do fundo do aposento saiu a voz do doente, um tanto enfraquecido e trémula:

- Que bela fé tu tens, Benedita! E essa a verdadeira crença, a que não discute, a que se conforma e acha em tudo a própria explicação.

- Não entendo, senhor Ribeiro. Creio e nada mais...

- Sim!... Crês e nada mais... Não ouves passos?

- Deve ser a senhora dona Maria Leonor.

A porta descerrou-se lentamente e entrou Maria

Leonor, vestida de escuro, com uma mantilha de renda negra sobre os cabelos claros e brilhantes.

- Então, que disse o doutor Viegas?

- Acha-te no mesmo estado, mas crê que melhorarás dentro de pouco tempo.

- Crê que melhorarei... Sim! Melhorarei, por certo.

Maria Leonor encaminhou-se para a cama e sentou-se à beira do doente. Os olhos dele, febris, procuraram os dela. Num enternecimento brusco, perguntou:

- Tu choraste?

- Não, Manuel! Por que havia de chorar? Não estás pior, daqui a algum tempo estarás curado... Que motivos terei para chorar? A passarem-se as coisas como dizes, não tens, de facto, motivos...

Benedita, que estivera absorta, acabando a oração, aproximou-se dos dois:

- Vou ver se os meninos dormem, minha senhora.

- Vim de lá agora e estavam a dormir. Mas vai, vai...

- Com licença!

A porta fechou-se atrás de si. Percorreu um longo corredor mergulhado em penumbra, onde os passos, amortecidos pela alcatifa, soavam surdamente. Abriu uma porta grande e pesada, atravessou uma sala deserta e iluminada por duas grandes manchas de luar no sobrado, onde se estendia uma cruz de sombra. Foi

até à janela, abriu-a e olhou para fora. A lua fazia cintilar as árvores e as casas dispersas pela quinta. Do andar de baixo subia um ruído de vozes. No terreiro alongavam-se, como os cinco dedos da mão, as projecções luminosas das cinco frestas da cozinha.

Benedita cerrou devagar as janelas e correu os ferrolhos dos caixilhos. As apalpadelas, dirigiu-se a uma porta cujas frinchas deixavam passar fracos raios de luz. Entrou.

Em duas camas pequenas, lado a lado, dormiam duas crianças. Uma lâmpada colocada em cima de uma mesa baixa espalhava em redor a sua claridade mortíça e trémula. Benedita debruçou-se a contemplar os dois adormecidos. Uma das crianças mexeu-se e, depois de deitar um dos braços para fora da roupa que a tapava, encolheu-se toda, suspirando, e continuou a dormir. Benedita sentou-se numa cadeira e pôs-se a vigiar as crianças, envolvida pelo silêncio que pesava sobre a casa. Embrulhou-se no xale que trazia nos ombros e, insensivelmente, foram-se-lhe as pálpebras fechando, entorpecendo. Não adormeceu de todo, mas ficou imersa numa sonolência mole, num torpor agradável, de que acordava a espaços para logo continuar. O seu desejo seria ir deitar-se. Mas, para quê? De um momento para o outro, teria de levantar-se, para atender o patrão. Tão bom senhor, aquele! O único que, no seu modo de ver, poderia ter merecido a menina Maria Leonor, a quem agora, aliás, já não chamava menina. Depois que a ama casara, costumara-se a chamar-lhe senhora dona Maria Leonor, e senhora dona Maria Leonor ficara para sempre. Bem que lhe custara a habituar-se, mas, enfim, não era ela uma senhora casada? A si, é que ninguém quisera para mulher e agora, com quarenta e dois anos, já não era tempo. Benedita sorria no meio do seu devanear, recordando o casamento da senhora. Bela festa, como nunca vira outra! Depois da cerimónia, tinham partido os três para a Quinta Seca, que de seca só tinha o nome, actualmente. Nos primeiros tempos, ambas tinham sofrido de saudades, mas o senhor Manuel Ribeiro levava-as algumas vezes a Lisboa. Por fim, acabaram por não desejar aquelas viagens. Era tão agradável viver no campo, fora da balbúrdia das ruas apinhadas de gente, que ambas já detestavam e temiam! Os anos passaram, e ela tinha duas crianças para entreter e para adorar. Não! Nada mais desejava. Era feliz. Só há pouco tempo a doença do patrão viera interromper a felicidade da casa. Nem já os trabalhadores da quinta pareciam os mesmos. Todos os dias queriam saber das melhoras do patrão e, perante as respostas quase sempre desanimadoras, suspiravam, pesarosos. Era um raio duma doença... Nem o mano do senhor, o senhor doutor António Ribeiro, nem aquele outro médico do Parreiral, o doutor Viegas, atinavam com o remédio para a moléstia. Doença tão ruim era ela, que o patrão estava uma sombra do que fora antes. Talvez se curasse, mas não seria, decerto, nunca mais, o mesmo homem que conseguira fazer daquele chão quase bravo, que herdara do pai, a mais formosa quinta dos



arredores. Benedita bem podia dizer que vira o milagre realizar-se diante dos seus olhos, ano a ano, estação a estação. E agora... O patrão estava doente. Quisesse Deus que ele sarasse, e a sua presença bastaria para que aqueles campos não deixassem de ser o que eram! Mas se ele morria, que desastre, Senhor Deus! A quinta era o único bem da família, e, sem o braço dum homem a sustentá-la, seria a pobreza. A senhora dona Maria Leonor era uma mulher corajosa e firme, disso estava certa. Mas seria suficiente?

Benedita despertou. Teve um ligeiro estremezimento ao reparar nas crianças que repousavam. Levantou os olhos para o relógio de parede que tiquetaqueava monotonamente no quarto. Meia-noite e meia hora! Como se deixara assim amodorrar? Não dormira, isso não, mas as pálpebras pesavam-lhe imenso e a cabeça caía-lhe para o peito, atordoada. Tinha sono. Que faria a senhora àquela hora? Velava o marido, decerto. Sorriu, triste, pensando que também gostaria de velar o seu marido, se o tivesse. Nunca homem nenhum lhe dissera, porém, o que o senhor Manuel Ribeiro dizia à senhora e que, por vezes, ouvia. Os quartos eram tão próximos que os ruídos mais fortes atravessavam as paredes e iam retinir-lhe nos ouvidos como risadas de troça. Deitada na sua estreita cama, ouvia e sofria, em silêncio, a pena de estar só. Só, estaria toda a vida, com certeza. Era apenas dois anos mais velha que o senhor. Poderia ser esposa dele, se Deus o tivesse querido...

Abanou a cabeça com força, expulsam o os últimos restos do sonho. Ergueu os braços retesados e espreguiçou-se. Um quebranto delicioso invadiu-lhe os membros. Reagindo, levantou-se da cadeira e, depois de olhar de novo as crianças adormecidas, saiu do quarto, levando a lâmpada que lhe derramava no avental uma luminosidade dourada.

Bateu uma hora. Do andar de baixo já não vinha o rumor das vozes. Tinham ido deitar-se, os criados. A chuva percutia as vidraças: o Inverno nunca mais tinha fim. Parecia que o céu se desentranhava em água e que fazia da terra um mar de lama. Havia já algumas semanas que não se podia trabalhar na quinta.

Benedita entrava no patamar da escada que descia ao rés-do-chão, quando, de repente, no fundo do corredor, no quarto dos patrões, ouviu um grito. O corpo tremeu-lhe como os vimes na corrente do rio. A porta do quarto abriu-se com violência. Maria Leonor saía, gritando, desgrenhada e com o horror vincado no rosto. Das mãos, subitamente sem força, de Benedita, caiu a lâmpada com um estrondo surdo, apagando-se ao rolar no sobrado. Maria Leonor caminhava pelo corredor fora, gemendo e gesticulando como louca. Tropeçou e desabou, no chão, a soluçar. Sobre a cômoda, as velas iluminavam ainda a imagem da Virgem branca. Ao fundo, na cama, o corpo imóvel de Manuel Ribeiro, com um dos braços pendente, rojando o soalho. Na alma de Benedita qualquer coisa se afundou para sempre. Com uma longa vertigem, ficou no meio do quarto, quase

a desmaiar, os olhos presos no magro corpo estendido, arquejante, e precipitou-se sobre a cama desfeita, a gemer, amarfanhada pelo sofrimento, cega de lágrimas.

Dos seus lábios, trémulos e torcidos, saíam palavras entrecortadas de soluços:

- Manuel! Manuel!...

Benedita aproximou-se da ama e deixou-se cair de joelhos junto dela. Chorava baixinho. Os seus olhos fitaram o rosto de Manuel Ribeiro, duma serenidade absoluta e indiferente, e desceram pelo braço até à mão lívida que tocava o tapete. Lentamente, baixou-se e beijou os dedos frios e inertes. Que importava? Agora ele já não era de ninguém da Terra. Ninguém tinha direitos sobre ele, a não ser Deus.

Maria Leonor levantou-se de golpe e gritou, com desespero:

- Meu Deus, meu Deus! O meu Manuel, por que mo mataste, Senhor?

Caminhou deliberadamente para o oratório e, com o braço direito, varreu as velas, as imagens, os solitários floridos, que se estilhaçaram no chão. Benedita, estupefacta, levantou-se, e, apertando Maria Leonor nos braços, gritou:

- Que faz, minha senhora? Sossegue, por amor de Deus!...

Um tropel, vindo do lado da porta, fez-lhes voltar as cabeças aflitas. Os criados, tremendo de medo, tinham subido a correr as escadas, e estavam agora entre os umbrais da porta, mirando, com os olhos rasos de lágrimas, o corpo do patrão. Entraram, um por um, contrafeitos.

Dentre eles saiu o ruído dum soluço e, imediatamente, as lágrimas caíram de todos os olhos. Rodearam o leito. Jerónimo, o abegão da quintal, levantou com respeito o braço de Manuel Ribeiro e depô-lo sobre as cobertas, acariciando-lhe a mão gelada com os dedos calejados e duros.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

